



Sofrimento e silêncio no piauí oitocentista: a representação feminina em *Vaqueiro e visconde*, de José Expedito Rêgo

Suffering and Silence in 19th Century Piauí: The Female Representation in Vaqueiro e Visconde, by José Expedito Rêgo

Vicencia Rozilda Gomes Pinheiro

Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Imperatriz, Maranhão / Brasil

vicenciarozilda@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-0165-5247>

Thiago Coelho Silveira

Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Presidente Dutra, Maranhão / Brasil

silveiratc@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-0839-0165>

Gil Derlan Silva Almeida

Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Bacabal, Maranhão / Brasil

gilderlansilva@hotmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-0270-5149>

Resumo: O campo que circunda o gênero é um liame tênue entre o político e social, pois estas instâncias refletem a conjuntura que nos cerca sobre as questões de como tratamos e como somos tratados nas discussões sobre o masculino e o feminino, bem como isso é refletido nas produções literárias que caminham sobre esse terreno. Desta maneira, este trabalho objetiva analisar as representações do feminino na obra *Vaqueiro e visconde* (2009), de José Expedito Rêgo. Enquanto metodologia, utilizam-se os pressupostos da pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, tratando o *corpus* do texto literário como elemento primordial para a investigação sobre as personagens. No tocante ao aporte teórico, valemo-nos dos diálogos empreendidos por Bourdieu (2017); Espinheira (1984); Schawantes (2006); Zanello (2018) e Zinani (2006), bem como outros nomes que abordam as teorias e críticas literárias no âmbito dos estudos de gênero e seus desdobramentos com o feminismo. Percebe-se, assim, que o processo de inferiorização e subalternidade imposto ao ser feminino permeia toda a obra, e encontra seu ápice na personagem Josefa, que reflete o regime patriarcal e misógino estruturador do Piauí oitocentista.

Palavras-chave: Vaqueiro e visconde; Piauí; gênero; mulher.

Abstract: The field that surrounds gender is a tenuous link between the political and social because these instances reflect the situation that involves us about questions of how we treat and how we are treated in discussions about male and female, as well as this is reflected in the literary productions that move on this area. Thus, this work aims to analyze the representations of the feminine in the work *Vaqueiro e visconde* (2009), by José Expedito Rêgo. As a methodology, the presuppositions of the bibliographical qualitative research are used, treating the *corpus* of the literary text as a primordial element for the investigation about the characters. Concerning to the theoretical contribution, we used the dialogues undertaken by Bourdieu (2017); Espinheira (1984); Schwantes (2006); Zanello (2018) and Zinani (2006), as well as other names that touch on literary theories and criticism in the scope of gender studies and its consequences with feminism. It can be seen, therefore, that the process of inferiority and subordination imposed on the female subjects permeates the entire work, and finds its apex in the character Josefa, who reflects the structuring patriarchal and misogynist regime of nineteenth-century in Piauí.

Keywords: Vaqueiro e visconde; Piauí; gender; woman.

1 Introdução

A literatura piauiense é um campo fértil para a análise de perfis femininos vinculados às mulheres sertanejas, uma vez que o passado colonial, vinculado à ocupação do território através da implantação de fazendas de gado, se mostra, em muitos casos, fonte de inspiração para literatos que escreveram em diferentes épocas. Este é o caso da obra que será analisada neste trabalho.

Vaqueiro e Visconde, de José Expedito Rêgo (2009), é uma biografia romanceada de um sujeito que ocupou a presidência da *Província do Piauí* no período de 1831 a 1843, Manoel de Sousa Martins. Nascido em 8 de dezembro de 1767 e falecido em 20 de fevereiro de 1856, ele teve papel relevante na adesão da província à independência do Brasil (SOUSA NETO, 2013). Para os padrões da época, como afirma Castelo Branco (2020), ele ao mesmo tempo representava a regra e a exceção. A primeira por manter-se vinculado à terra, ao mundo rural, dando continuidade à pecuária nas fazendas que herdará do pai e naquelas de propriedade de sua mãe e de sua avó, mas também buscando prestígio social ao ocupar cargos públicos e postos militares. A segunda decorre da longevidade de seu governo como presidente de província, que durou vinte anos, diferente do que ocorria em outras províncias que periodicamente tinham seus presidentes trocados.

Considerando estes elementos, compreendemos certa intencionalidade do literato em tomar uma figura emblemática da história piauiense como personagem mestre da narrativa ficcional que constrói. A obra passou a ser intitulada de *Vaqueiro e Visconde* apenas em uma segunda edição, publicada em 1986, inicialmente constava como seu nome *Né de Sousa*. As razões que levaram à mudança de nome do livro não são esclarecidas na época de sua reedição, mas pode-se inferir pelo menos duas motivações: a primeira estaria relacionada à comercialização da obra, pois o novo título despertaria maior interesse nos possíveis leitores; A segunda teria a ver com a construção de um título que refletisse melhor o seu conteúdo, pois embora a obra abordasse momentos da vida de Manoel de Sousa Martins na infância, a maior motivação estaria em sua atuação como vaqueiro no Piauí colonial bem como em sua ascensão política.

A obra literária, *corpus* dessa análise, é a principal produção de José Expedito Rêgo, famoso no campo da literatura piauiense por diversos outros trabalhos, como *Malhadinha* (1990) – a segunda; *Vidas em Contraste* (1992); *Caminhos da Loucura* (1995); *Um livro de contos – Estórias do tempo antigo* (1995) - no qual reinventa e conta causos populares ocorridos na cidade; *Um livro de poesias – Horas sem tempo* (1999), bem como a obra póstuma - *Crônicas Esquecidas* (2009). Além de escritor, teve atuação no *Jornal O Cometa*, que circulou em Oeiras, cidade localizada no sul do Piauí, entre os anos de 1971 e 1976. Expedito Rêgo também ocupou a cadeira nº 2 da Academia Piauiense de Letras. (BARROS, 2015.)

A obra em tela permite uma gama de discussões, desde a interface entre história e literatura, as relações entre literatura e espaço geográfico, mas sobretudo acerca das relações sociais mantidas entre sujeitos de um tempo em que a desigualdade entre homens e mulheres era latente, normalizada e pouco ou quase nunca questionada. É sobre este último aspecto que deteremos nossa atenção e posterior análise sobre o *corpus* escolhido.

Nesse sentido, este trabalho discute a representação feminina por duas personagens da obra que, embora não sejam protagonistas, ocupam um lugar de destaque na narrativa. De um lado, nos deparamos com Josefa, mulher bonita e dotada das qualidades necessárias para ser considerada digna de ser desposada, tomando como base a visão patriarcal que permeia a época e o enredo, por Né de Sousa, personagem principal da obra cujo nome faz referência ao apelido de Manuel de Sousa Martins. De outro, vemos Sebastiana, amante, mulher-produto adquirida para servir aos desejos de

seu dono, tomando como base a construção de uma dialética que permeia a oposição entre essas duas figuras femininas tão diferentes, mas ambas envoltas numa mesma narrativa ficcional.

Assim, partindo de pontos de vista diferentes em relação a Né de Sousa, tais mulheres são representadas por Rêgo (2009) em situação de subalternização ao sujeito masculino, chamando atenção para uma sociedade patriarcal e machista que possui raízes bem antigas. Desta maneira, cabe salientar a representação sobre tais mulheres na obra, pois ambas as personagens ocupam o mesmo espaço, mas desempenham papéis diferentes, o que reflete drasticamente em como são enxergadas na escrita de Rêgo.

Tomando como base o processo de análise desta obra e as questões sociais decorrentes de uma análise que caminha pelo viés dos estudos de gênero e seus desdobramentos junto ao texto literário, a metodologia faz-se em caráter qualitativa, uma vez que investiga tipos sociais e suas ações e comportamentos no *corpus* em questão (FERREIRA, 2018; SERRÃO, 2018), bem como se vale dos procedimentos bibliográficos para auxiliar o trabalho metodológico com o texto literário.

Desta maneira, partimos do pressuposto que os comportamentos desempenhados pelas personagens femininas fruto da análise desta obra, bem como os discursos dominantes impostos a estas, são uma marca predominante que problematiza a escrita de Rêgo (2009) nesta produção. Ao passo que reflete uma importante temporalidade do Piauí e do Brasil, o texto profícuo do autor revela as desigualdades e violências de gênero que foram e são facetas marcantes da realidade.

2 O valor de uma mulher pode custar caro: Josefa e os dissaboresdo matrimônio

A personagem Josefa aparece no romance no capítulo VII, fase em que o protagonista, Né de Sousa, começa a administrar as fazendas da família após o falecimento do pai. Como o personagem principal já está na fase adulta, aborda-se o momento em que ele decide se casar trazendo a personagem Josefa ao enredo da trama, evidenciando sua emergência em função do sujeito masculino. Isso é possível de perceber quando Rêgo (2009) a cita pela primeira vez no livro:

O menino Né de Sousa andava perdido de paixão pela prima Josefa Maria, filha do Zé dos Santos. Donana bem que gostava dela, novinha como o filho, miudinha e bonita, mas seria correto que não se casassem logo, que esperassem algum tempo. O Né, porém, cabeçudo, voluntarioso, não ouvia conselhos e estava caído pela garota. O casamento seria cousa de montar casa. (RÊGO, 2009, p. 53)

O trecho estabelece como foco as vontades de Né de Sousa, que se coloca em primeiro lugar e não se preocupa com a opinião dos outros sobre seus desejos. Nem mesmo de sua mãe. Assim, Josefa é apresentada no romance de forma sucinta e tendo as qualidades que o homem exigia: era bonita. No decorrer do capítulo são apresentadas outras qualidades que aquela sociedade exigia das mulheres, perceptíveis em Josefa, ressaltando a representação clássica da mulher submissa ao marido em qualquer circunstância. Mesmo nesta primeira menção já se pode perceber o uso do adjetivo “miudinha” para se referir a Josefa, que embora pareça remeter diretamente ao seu porte físico, também permite inferir a sua existência enquanto um ser frágil.

Pa tindo de uma análise que tome os estudos de gênero como um viés que respalde a noção de subalternidade que Né impõe a Josefa, podemos perceber o uso do que Zanello (2018) chama de *dispositivos de subjetivação*. Assim, deparamo-nos com o dispositivo amoroso com um dos principais pontos que alicerçam a dominação sob Josefa. Isso se dá na medida em que a estrutura matrimonial passa a constituir um elemento central para a sujeita feminina, ou seja, somente com a vinculação amorosa seria possível a completude para a personagem feminina, seja em termos de identidade ou estabilidade para sua vida.

Desta maneira, além de toda a carga patriarcal que a sociedade usa como mote para a vinculação exaustiva de uma mulher a um homem, essa vinculação só se faria plena com o matrimônio, usado como além do enlace para a manutenção de uma estrutura familiar rija e normativa, o elo que sela a dominação da mulher ao senhor-marido.

A perspectiva de Schawantes (2006), ao analisar personagens femininos e masculinos em obras literárias, nos parece pertinente para compreender a construção da personagem. A autora diz que cada

época elabora, a partir de suas necessidades econômicas e políticas, um ideal de feminilidade e masculinidade, que permite à sociedade manter-se operacional através de uma divisão de tarefas entre seus membros. (SCHAWANTES, 2006, p.10)

No caso da obra em destaque, é importante enfatizar que, por ser inspirada na história de vida de Manuel de Sousa Martins, figura politicamente marcante na história do Piauí no século XVIII, a figura da mulher submissa é acionada no processo de construção da narrativa.

A obra literária não necessariamente precisa assumir um compromisso com a verdade e com os fatos históricos que a permeiam, mas ela pode representar os valores da época e sociedade em que é escrita ou da que busca tratar. Nesse sentido, acreditamos que Rêgo (2009), ao se propor a construir o que chamamos de biografia romanceada, buscou atribuir a Né de Sousa e Josefa características próprias do ideal de masculinidade e feminilidade que se esperaria encontrar naquele momento da história piauiense que a obra retrata.

As emoções de Josefa pouco aparecem na narrativa da obra, construindo-se um cenário de invisibilidade acerca do que ela pensa e sente em relação ao marido e à forma como é tratada por ele. Assim, recorreremos aos detalhes das descrições da relação mantida por eles para fazer algumas inferências sobre esses sentimentos. Acerca da lua de mel do casal, o autor narra por meio do seguinte:

A lua de mel se deu rápida e incisiva. A experiência sexual de Né de Sousa tinha sido, até então, com índias e mulatas. Foi um tanto brutal com a meiga Josefa. Depois de uma semana seguida de coitos noturnos e diurnos, Né de Sousa deixou a jovem e exausta esposa em companhia da mãe dele e partiu para uma viagem de inspeção às fazendas (RÊGO, 2009, p. 54)

Há várias problemáticas que podem ser discutidas com base nessa passagem. Primeiro, que o personagem masculino não se preocupa com a personagem feminina, que é tratada de forma indiferente pelo marido. Não há por parte dele a manifestação de preocupação com a virgindade da esposa, o que denota o caráter brutal do ato nas núpcias e das relações sexuais seguintes. O uso dos adjetivos “rápida” e “incisiva” para descrever esse momento da vida do casal reflete a falta de delicadeza e cuidado para com sua companheira. Segundo, Né de Sousa trata Josefa como as outras mulheres com quem tinha o hábito de manter relações sexuais. Esse aspecto denota como Né de Sousa trata a esposa, em termos sexuais, da mesma maneira com que lidava com suas amantes, colocando-as em um mesmo patamar: a de mulher-objeto, meramente ilustrativa e usual para necessidades específicas, como o sexo e os afazeres domésticos.

O sexo numa visão falocêntrica constitui-se, muitas vezes, um verdadeiro aparato de dominação e colonização, pois o sujeito feminino passa a ser encarado com um corpo desprovido de alteridade e subjetividades próprias, fazendo-se apenas um acessório para a reprodução e o prazer masculino. Assim, não havia qualquer necessidade de sentimento ou afeto, pois a relação necessitava apenas servir ao propósito procriativo ou satisfação do prazer, este segundo levando apenas como foco o masculino.

O desejável não se articula por si mesmo; ele depende de outras propriedades. Isso é colonização. O regime coloniza de uma forma específica o desejo; entende o desejo como algo que precisa ser saciado, e o seu objeto consumido, aprisionado. (BENSUSAN, 2004, p. 132)

O lugar de diferenciação social da esposa Josefa para com as amantes se dava, dessa maneira, nas outras dimensões da relação com Né de Sousa. Quando o autor cita que ele foi “brutal com a meiga Josefa”, está ressaltando que uma esposa não poderia ser tratada como as índias e mulatas, que muitas vezes eram forçadas a manter as relações sexuais com os senhores. A brutalidade era, portanto, prática comuns nos estupros cotidianos a que essas mulheres eram submetidas. No caso de Né de Sousa, vemos um tratamento sexual com as mulheres que girava em função somente do seu prazer.

Em relação aos sentimentos de Josefa, como dissemos anteriormente, nos resta apenas inferir a partir das entrelinhas do que o autor nos diz. Sabe-se que a sociedade da época que a obra retrata naturalizava o tratamento que Né de Sousa dispndia a sua esposa. De uma mulher sertaneja do século XVIII esperava-se o lugar de servidão ao marido (FALCI, 1997). Imagina-se a sua dor, vergonha e o sentimento de desvalorização.

Nas cenas em que Josefa aparece na obra percebe-se muitos momentos de sofrimento e dor, ainda que estes sentimentos estejam presentes apenas nas entrelinhas, como ocorreu em sua lua de mel. Outra passagem que nos leva a esse entendimento descreve uma ocasião em que Né de Sousa retorna de sua primeira viagem depois de casado. A obra assim retrata:

Né de Sousa voltou de viagem no fim do inverno [...] Em Oeiras apenas se despediu da mãe e esposa. Esta o recebeu gordinha, com três meses de grávida. [...] no mesmo dia em que Né de Sousa chegou da viagem, levou a mulherzinha para a residência do casal e lá tiveram nova e intensa lua de mel, que quase termina em um aborto. Felizmente, o árdeo esposo só demorou em Oeiras uma semana. (RÊGO, 2009, p. 54)

Nota-se que Né de Sousa, mesmo sabendo que a esposa estava grávida, não se preocupou no tratamento na hora da intimidade, de forma que Josefa quase perde a criança. Para chegar a esse ponto, pode-se imaginar a brutalidade e violência que Né de Sousa tratava a esposa nas relações íntimas. O “felizmente” nos permite compreender que, de certa forma, as viagens do marido de Josefa eram um alívio. Porém, a personagem não aparece na obra utilizando de falas de reclamação. Pelo contrário, aceita tudo como uma boa esposa segundo o perfil esperado na época.

O homem não se preocupava com o prazer feminino, e às mulheres que desejavam buscá-lo seria a clara demonstração de indecência, desrespeitando sua maior função que seria gerar filhos. Segundo Zinani, ao longo da história “[...] a maternidade sempre teve contornos de condicionamento social. A maternidade tradicionalmente é vista como a mais nobre missão que a mulher pode exercer” (2006, p.78). Talvez por isso, Né de Sousa não se preocupava com a esposa, o importante era sua satisfação sexual e que ela gerasse filhos saudáveis. O livro relata que Josefa teve três filhos, mas o parto não é detalhado, como foi o de Donana, mãe de Né de Sousa. Há apenas uma menção da sua primeira gravidez, outra a respeito do nascimento do segundo filho e um pequeno relato do terceiro parto que deu à luz sua filha.

Nesse momento, a obra trata menos da família de Né de Sousa e dá maior ênfase aos conchavos políticos que ele pretendia fazer. Assim, a menção de que o parto foi Donana foi mais detalhada na obra explica-se por se tratar do próprio nascimento do protagonista da obra, funcionando como narrativa fundante das origens do herói piauiense. No caso de Josefa, esposa de Né de Sousa, essa descrição foi silenciada, pois o que importa no enredo são as suas ações que refletissem o protagonismo dado ao senhor e não os desdobramentos que permeassem a vida de Josefa.

Assim, cabe ressaltar que o não dito sobre Josefa é carregado de uma significação implícita que exemplifica sua submissão e subalternidade. O próprio silêncio faz-se voz para nossa interpretação, uma vez que acentua o sofrimento e violência imposto pela dominação contra o sujeito feminino, ao passo que busca promover a manutenção de uma estrutura hegemônica falocêntrica e misógina.

O terceiro parto, que aparece mais bem descrito, ainda que de forma rápida, serve para justificar a próxima fase da vida de Né de Sousa, ponto que novamente reforça o personagem em detrimento da principal envolvida na tarefa do nascimento da criança, a própria Josefa.

O nascimento do primeiro filho do casal fica perceptível em um fragmento em que Né de Sousa conversa com Dr. Cristóvão, em que este pergunta: “– Então seu Né, está de novidade. Já chegou o herdeiro? – Sim, doutor, chama-se Raimundo” (RÊGO, 2009, p. 58). A menção ao primeiro filho só ocorre para contextualizar a tentativa de Né de Sousa de se aproximar de uma das autoridades influentes na província, nos permitindo inferir que não só a personagem feminina é trivializada, mas tudo que a envolve, como o exemplo do parto.

A descrição do nascimento do segundo filho do casal ocorre na mesma lógica na trama literária. Né de Sousa estava tomando banho de riacho quando foi avisado que a esposa estava em trabalho de parto. Dedicando-se a descrever o banho de Né de Sousa, o parto de Josefa é retratado como no contexto de uma satisfação a ser dada a Né de Sousa ao chegar em casa: “– tão tudo na casa de Donana, *patrãozim*. Sinhá *Zefinha* teve outro menino macho... mas tá tudo *im pais*, graças a *Nossinhô*” (RÊGO, 2009, p. 63). Novamente, a narrativa segue discorrendo sobre as articulações políticas de Né de Sousa através de um encontro com uma pessoa considerada muito influente do Piauí naquela época, que era João do Rêgo Castelo Branco, nos transparecendo como os demais personagens são inferiorizados em comparação a esse, principalmente o sujeito feminino.

Na descrição do terceiro parto, que nasce uma menina, há mais detalhes, mas em função de justificar as atitudes que Né de Sousa tomaria após esse evento. O capítulo começa explicando que Né de Sousa sempre teve aventuras extraconjugais, pois sua esposa não o satisfazia, mas eram apenas passatempo, como descrito na obra. Porém, depois do terceiro parto de Josefa as coisas mudaram. O primeiro argumento que aparece é “Mas foi depois do terceiro parto da esposa que esta ficou inutilizada para o amor” (RÊGO, 2009, p. 67). A obra não diz claramente o que teria ocorrido com a personagem, mas se olharmos para o contexto histórico que a narrativa representa, Josefa pode ter se tornado infértil, perdendo, assim, a função de dar filhos ao marido. A personagem feminina é descrita como um objeto que agora quebrado, não serve mais. Trata-se, portanto, da representação da mentalidade de uma sociedade machista e patriarcal, que busca culpabilizar a mulher pelas aventuras extraconjugais de seu marido.

Desta maneira,

a sociedade através de seu sistema normativo padronizado estabelece gradações com relação à conduta sexual, tomando como referência o tipo ideal representado pelo casamento, exemplo de conduta sexual legitimada e prestigiada. (ESPINHEIRA, 1984, p. 34)

Não há muitos detalhes sobre o parto e o que exatamente adoeceu Josefa, mas explicam-se algumas coisas:

Nasceu uma criança, que recebeu na pia batismal o nome de Maria Josefa. Donana já tinha morrido. A menina veio ao mundo sozinha. Ao chegar a parteira apenas cortou o umbigo e deu banho de costume na recém-nascida. Seguiu-se grande perda de sangue e Josefa esteve entre a vida e a morte. [...] Josefa foi tratada pelas amigas e parentes e pela própria parteira, a velha Vicentina, e salvou-se com a graça de Deus e a da dedicação dessas mulheres (RÊGO, 2009, p. 67).

Na passagem, observa-se que outras mulheres cuidaram de Josefa, sem aparecer nenhuma inferência de Né de Sousa em apoio a esposa. Depois da fatalidade, por conta das complicações do parto, Josefa ficou muito doente e até o fim da trama ela não se recuperou. Reforça-se, assim, um cenário de distanciamento entre marido e esposa, ao passo que também se enfatiza a imagem de Josefa como símbolo do sofrimento, silenciamento e submissão. Não há na obra nenhuma descrição de momento felizes, tudo remetendo ao sofrimento da personagem, que ainda enfrentaria outros sofrimentos e humilhações, tendo de suportar a decisão do marido de ter outra mulher.

3 O alívio e tormento de Josefa

Como no ditado popular que diz “não há um mal que não traga um bem”, vê-se que a personagem Josefa sofreu muito em sua vida conjugal com o marido, pois a retratação de momentos íntimos de violência na intimidade do casal é elemento circunstancial para interpretar que esta nunca sentiu prazer com o marido. Afinal, a relação só provocava dores, quer sejam essas físicas ou psicológicas. Isso se exemplifica no fragmento que mostra da lua de mel e o momento em que, devido às relações sexuais, Josefa quase teve um aborto, decorrente do sexo violento, mesmo em seu momento de gestação.

Depois do último parto em que Josefa adoeceu e não tinha mais condições físicas de satisfazer o marido na cama, a personagem conhece uma nova forma de sofrer: a vergonha, a humilhação e os ciúmes, pois Né de Sousa decidiu ter uma amante. A busca pela amante é interessante para ser discutida aqui, pois é o momento que marca a entrada de outra personagem feminina de uma classe social diferente no enredo.

Partido desses acontecimentos, vamos tentar perceber como essa mulher é tratada e representada, bem como sobre que ótica as histórias dessas mulheres se entrelaçam, a partir de pontuações sobre o relacionamento ilícito de Né de Sousa.

Havia numa de suas fazendas mulata bem clara, quase branca, filha de vaqueiro. Em matéria de mestiça, não conhecia outra mais bonita nas redondezas. Chamava-se Sebastiana. Mandou buscá-la. O pai não mostrou a menor oposição. Nem precisava o presente em dinheiro que Né de Sousa lhe mandou. A moça também veio de bom grado, sabendo a que se destinava. Né de Sousa alojou-a numa casinha que recebera recentemente em pagamento de dívida, por detrás da rua do Hospital. Tudo muito discreto (RÊGO, 2009, p. 68)

Esse fragmento retrata visivelmente a mentalidade masculina daquela época, principalmente no tocante aos homens latifundiários, pois o personagem comprou Sebastiana para ser sua amante. Destarte, o pai da moça aceitou sem resistência, bem como essa também não se opôs, de forma que ser amante de um homem poderoso como Né de Sousa era mais seguro do que alguém da sua classe social. Assim, em Oeiras-PI, não diferente dos demais locais, o dinheiro, ao que parece, comprava tudo mesmo, até a honra e dignidade. Nesse sentido Miridan Bugyja Britto Falci analisa que:

As mulheres jovens, sem status ou sem bens e que não haviam conseguido casamento numa terra de mercado matrimonial estreito, encontravam num homem mais velho, mesmo sendo casado, o amparo financeiro e social de que precisavam. Mesmo sendo a segunda ou terceira esposa do senhor juiz, o poder e o prestígio que advinha do seu cargo era partilhado pela mulher. Ser amasia ou cunhã de um homem importante implicava formas de sobressair-se junto à população e galgar algum status econômico, que ela não possuiria de outra forma. (FALCI, 1997, p. 269).

Percebe-se, então, uma justificativa que levava as jovens a relacionar-se com homens mais velhos na história do Brasil, pois procuravam por segurança e estabilidade, possivelmente encontradas na relação matrimonial. Dessa forma nota-se que a obra literária, em questão, coaduna com a história das mulheres no Brasil, que muitas vezes, sujeitavam-se a esse tipo de relacionamento, em prol de uma melhoria de suas vidas.

O tratamento dado a Sebastiana não foi diferente da forma como Né de Sousa tratava Josefa, ambas eram objeto de seu entretenimento. A diferença se dava no fato que Sebastiana foi uma mercadoria escolhida e comprada. Como vemos, no dia que Sebastiana foi buscada para morar em Oeiras, Né de Sousa estava saindo da missa quando o seu homem de confiança chegou e lhe falou “- A encomenda já chegou. Deixei escondida no mato” (RÊGO, 2009, p. 68). Desta maneira, acentua-se que para Né de Sousa as mulheres só tinham a função de o satisfazer e dar filhos, realçando os termos “encomenda” teve que ficar “escondida no mato”, como menções para a nova aquisição do senhor de terras.

[...] uma vez que o sentido de gênero na ideologia patriarcal não se traduz apenas pela noção de “diferença” do feminino em relação ao masculino, mas pela noção de divisão e inferioridade, a polarização dos sexos, tradicionalmente definida pelos termos “cultura” e “natureza” e perpetua uma mitologia que hierarquiza os papéis sexuais. Em última análise, sabe-se que, devido à tradição patriarcal em nossa cultura, a maior parte dos preconceitos ainda recaí sobre as mulheres. O patriarcalismo, enquanto um conjunto de normas elaboradas pelos homens brancos e heterossexuais, sempre esteve calcado em práticas autoritárias, pois exclui certos grupos sociais do seu centro de interesse. (TEIXEIRA, 2009, p. 88)

Assim, não era de se estranhar que o comportamento de Né fosse validado e até ratificado pela sociedade da época, pois, como vemos, as normas patriarcais seriam as definidoras do processo de sujeição de homens e mulheres aos liames da vida social. Para o senhor, estava conferida a primazia do poder e do domínio sobre os demais, ao passo que para a mulher sobrava-lhe o status de mercadoria e acessório de manutenção da realidade machista que a subjugava.

Sebastiana, que foi vendida pelo pai, tratada como animal, ao ser escondida no mato, sem ter opção de escolha, encarava como uma benção ser amante de um homem como Né de Sousa, pois a condição de concubina do

senhor lhe conferia um tratamento extremamente inferiorizante, mas ainda assim superior à falta de futuro que tinha na conjuntura com sua família.

Ressalta-se que não buscamos aqui romantizar o sofrimento de Sebastiana, tampouco enaltecer a condição em que esta adentra ao ser amante do coronel, fazemos essa interlocução com o propósito de destacar os diferentes nuances em que a subordinação feminina e a desigualdade de gênero se exemplificam no enredo da obra.

Sebastiana, antes desse acordo, tinha o desejo de se casar. Em sua primeira noite com Né de Sousa, que, como com Josefa, a tomou com toda brutalidade, ele fica surpreso pela moça ainda ser virgem (RÊGO, 2009). No imaginário do homem branco, a mulata começa a vida sexual cedo, pois não existe honra e pudor sexual para essa categoria de mulheres. “– Não sabia...Pensei que aquele teu namorado, o Joaquim, já te havia beneficiado... – Ele quis... Mas eu num deixei... *Diche* a ele que só *adespois qui* a gente casasse” (RÊGO, 2009, p. 69). Conforme Bourdieu (2017), em *A dominação masculina*, vemos que a castidade e a virgindade eram características que mensuravam a sujeita nas mais diferentes instâncias de sua vida, atrelando-a a um marcador que definia seu valor ou a falta deste.

As mulheres são valores que é preciso conservar ao abrigo da ofensa e da suspeita, valores que investidos nas trocas, podem produzir alianças, isto é, capital social e aliados prestigiosos, isto é, capital simbólico. Na medida em que o valor dessas alianças, e portanto, o lucro simbólico que elas podem trazer, depende, por um lado, do valor simbólico das mulheres disponíveis para a troca, isto é, de sua reputação e sobretudo de sua castidade – constituída em medida fetichista da reputação masculina e, portanto, do capital simbólico de toda a linhagem [...] (BOURDIEU, 2017, p. 58)

Outra questão interessante de se pensar sobre esse fragmento é o reforço de um estereótipo que entrecruza as relações de gênero e raça: a mulata só serviria como amante. Além do reforço da rejeição aos negros, prática comum naquela sociedade, ressalta-se que ela era mulata, porém “quase branca” (RÊGO, 2009, p. 73), e por isso serviria para ser a amante do grande latifundiário Né de Sousa, pois a mulata boa de cama tinha o marcador da raça que ainda lhe conferia uma nova possibilidade de submissão aos olhos patriarcais do senhor.

Ao relacionar a vivência de Josefa e Sebastiana em um mesmo prisma, ancorado na subalternidade e exploração por Né de Sousa, vemos que, no início do casamento, o protagonista machucava fisicamente sua esposa com sua truculência. Depois de esta não poder mais satisfazer os desejos carnis de seu marido na cama, devido a uma doença, que não fica claro na obra, mas entende-se como algo grave que a acometia na região pélvica, Né de Sousa passa a machucar a sua moral, dignidade e a alma, pois se sentia autorizado a ter outra mulher, que não seria só uma aventura, mas alertando Josefa que pretendia ter filhos com a amante e cuidar de todos como legítimos. Na obra, sobre esses eventos:

Né de Sousa fechou a porta e dirigiu-se ao quarto da mulher. Não fez segredo para Josefa. Conto-lhe tudo e acrescentou que pretendia criar como se fossem da própria esposa todos os filhos que porventura viesse a ter com a mulata Sebastiana. Josefa conformou-se, não só por ser submissa como por reconhecer que homem do tipo de Né de Sousa não podia viver sem os prazeres do sexo e ela sabia perfeitamente que não prestava mais para aquilo. Só pediu ao marido que respeitasse a sua presença e que continuasse tratando-a com a consideração de sempre (RÊGO, 2009, p. 71).

Com um destino trágico, Josefa, além de doente, é obrigada a aceitar a amante e os filhos ilegítimos, mas ainda assim sente-se grata, pois acredita que este tem razão, pois ela não tem mais condições de agradá-lo. Sobre essa perspectiva, vemos que Josefa toma a culpa da atitude do marido para si, por não poder mais lhe servir como mulher no sexo e na tarefa reprodutora. A aceitação da personagem pode ser explicada por Schawantes (2006, p. 11), pois “em uma sociedade patriarcal que depende do silêncio do outro para se manter funcional, os espaços de expressão pessoal reservados as mulheres são escassas e restritas”. Para aquela época só restava o silêncio e aceitação de Josefa, pois esta como mulher não poderia fazer mais nada, apenas viver conformada até sua morte.

Né de Sousa contemplou o rosto ossudo da mulher, a pele seca da cor da barriga de lagartixa, o fio negro da boca entreabrindo-se num canto-a passagem do pouco ar que ainda respirava, o nariz muito afilado dirigido para o queixo pontudo...quem diria que aquilo eram os restos da bela prima de anos atrás, por quem se apaixonara louca e sinceramente. [...] Agora a visão macabra da morte de Josefa acaba de

encher-lhe as medidas. E aconteceu o maior dos imprevistos. O corpo rijo e pesado, de compleição robusta, dominadora, tomou de joelhos aos pés do leito, e chorou convulsivamente (RÊGO, 2009, p. 225-226)

Nos últimos momentos de vida de Josefa, depois de tanto sofrimento e humilhação, parece-nos que seu marido demonstra um pouco de afeto e tristeza pela perda da esposa que foi sua companheira e amiga durante toda a vida, recebendo em troca apenas distrato e humilhações. A generosa Josefa, como era conhecida em Oeiras-PI, pela tessitura literária do próprio enredo, agora descansava em paz, pois só com a morte se libertou de todo o sofrimento de uma vida.

Josefa foi a personagem feminina na obra da qual mais se destaca a presença e a aparição, se fazendo recorrente do capítulo VII até XL. Durante toda a sua vida retratada na obra, não nos é percebido um único momento de felicidade ou alegria, o que confere na vivência e representação da personagem apenas uma gama de discursos e ações de sofrimento, partos sofridos, doença, traição, exposição pública, dentre outras menções que a pormenorizam. Outrossim, há muitos eventos da vida de Josefa que merecem destaque, pois tais determinantes se fazem material literário de uma riqueza de informações para descortinarmos o cotidiano das mulheres piauienses do século XVIII, fruto de pesquisas futuras.

4 Considerações finais

Em *Vaqueiro e visconde* nota-se fortemente a construção de uma narrativa que, ancorada na estruturação da dominação masculina, aponta o poderio masculino de Né de Sousa sobre suas mulheres. Assim, em todo o romance de Rêgo o foco passa a ser a exposição do personagem masculino como o senhor de terras e de vidas que circundam seu espaço.

Para as mulheres que compõem a tessitura literária aqui discutida, o que sobra é espaço privado da casa, construída em alicerces de subalternidade e submissão. Se em *Minha história das mulheres*, Perrot (2007) já apontava como a história da sociedade, sobretudo ocidental, foi enunciada sobre a égide de um discurso patriarcalista e misógino, não seria de se estranhar que a representação desta mesma realidade fosse espelhada na literatura que a toma como matéria-prima.

Enquanto o sofrimento de Josefa, cerne central da escrita aqui empreendida, representa grandemente o espectro que demarca a vida da mulher piauiense do século XVIII, vemos que essa vida é a marca de inferioridade que o domínio patriarcal busca impor sobre os corpos femininos. Assim, essa discussão se também instrumento de denúncia sobre as violências praticadas contra as personagens femininas que representam a grande massa de mulheres de nossa realidade.

A ordem imperial de um Piauí oitocentista revela como se davam as relações de poder entre os gêneros e como estes eram usados como aparatos dentro de um jogo social que, ao passo que empoderava uns, diminuía e podava outros. Este poder central, imbuído nas mãos do grande nome político da região, faz as vezes de um chicote contra o corpo da mulher piauiense que, ao seu bel-prazer, é meramente usado e descartado quando sua função matrimonial ou reprodutiva se esvai.

A trajetória de Manuel de Sousa Martins é marcada pelos conchavos de sociabilidades que o projetavam e o beneficiavam politicamente. Por outro lado, Josefa é a mulher inerte e subalterna que funciona enquanto acessório e instrumento subordinado para um senhor que nunca se importou com o bem-estar da companheira.

Desta maneira, ao tensionar as questões de gênero e a representação feminina no contexto que compõe *Vaqueiro e visconde*, vê-se que, além de mostrar uma Josefa que, infelizmente, perde a vida na dor e sem conhecer a felicidade, denuncia-se toda uma estruturação hegemônica de realidade piauiense que calou vozes femininas em favor de um *modus operandi* para a manutenção do sistema patriarcal do Piauí oitocentista.

Referências

BARROS, E. B. de. *Mimesis em Malhadinha, de José Expedito Rêgo*: representação irônica de um sistema social em decadência. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2015.

BENSUSAN, H. Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 12, p. 131- 176, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/GzHWy5Cxc6FcPm3kxyNCjCb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2023.

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

CASTELO BRANCO, P. V. O visconde da Parnaíba e a construção da ordem imperial na província do Piauí. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, v. 38, p.205-230, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://150.161.6.100/revistas/index.php/revistaclio/article/view/245738>. Acesso em: 17 mar. 2023.

ESPINHEIRA, G. *Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel*. Salvador: Fundação Cultural do estado da Bahia, 1984.

FALCI, M. K. Mulheres do Sertão Nordestino. In: PRIORE, M. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 241-278.

FERREIRA, N. B. Estudos culturais: um método de abordagem para a análise de objetos literários. In: NASCIMENTO, C. M. B.; PINHEIRO, E. V.; LIRA, M. R. S.; SERRÃO, T. S. (org.). *Metodologia da Pesquisa em Estudos Literários*. Manaus: EDUA, 2018. p. 183-198.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

RÊGO, J. E. *Vaqueiro e Visconde*. 4. ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2009.

SCHAWANTES, C. Dilemas da Representação Feminina. *OPSIS*, Catalão, v. 6, p. 7-19, 2006.

SERRÃO, T. S. Identidade e identificação nos textos literários. In: NASCIMENTO, C. M. B.; PINHEIRO, E. V.; LIRA, M. R. S.; SERRÃO, T. S. (org.). *Metodologia da Pesquisa em Estudos Literários*. Manaus: EDUA, 2018. p. 231-240.

SOUSA NETO, M de. *Entre vaqueiros e fidalgos: sociedade, política e educação no Piauí (1820-1830)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2013.

TEIXEIRA, N. C. R. B. Entre o ser e o estar: o feminino no discurso literário. *Guairacá: Revista de Filosofia*, Guarapuava, n. 25, p. 81-102, 2009. Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/guaiaraca/article/view/1125/1082>. Acesso em: 08 jan. 2022.

ZANELLO, V. *Saúde Mental, gênero e dispositivos*. Cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ZINANI, C. J. *Literatura e Gênero: A construção da identidade feminina*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2006.